

ABR 1957



N.º 1 — Quinta-feira, 1 de Março de 1906

Preço — 20 réis

EDITOR — Manoel d'Oliveira Tóque

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

T. da Gloria, 22 A

ADMINISTRADOR

M. Moraes Canaveira

DIRECTOR ARTISTICO

PEDRO CID

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Lith. Artistica-Sua do Almada, 33 e 34

Assignaturas

Um anno..... 1\$000 réis  
Seis mezes..... \$600 »

Para o estrangeiro accresce o porte do correio

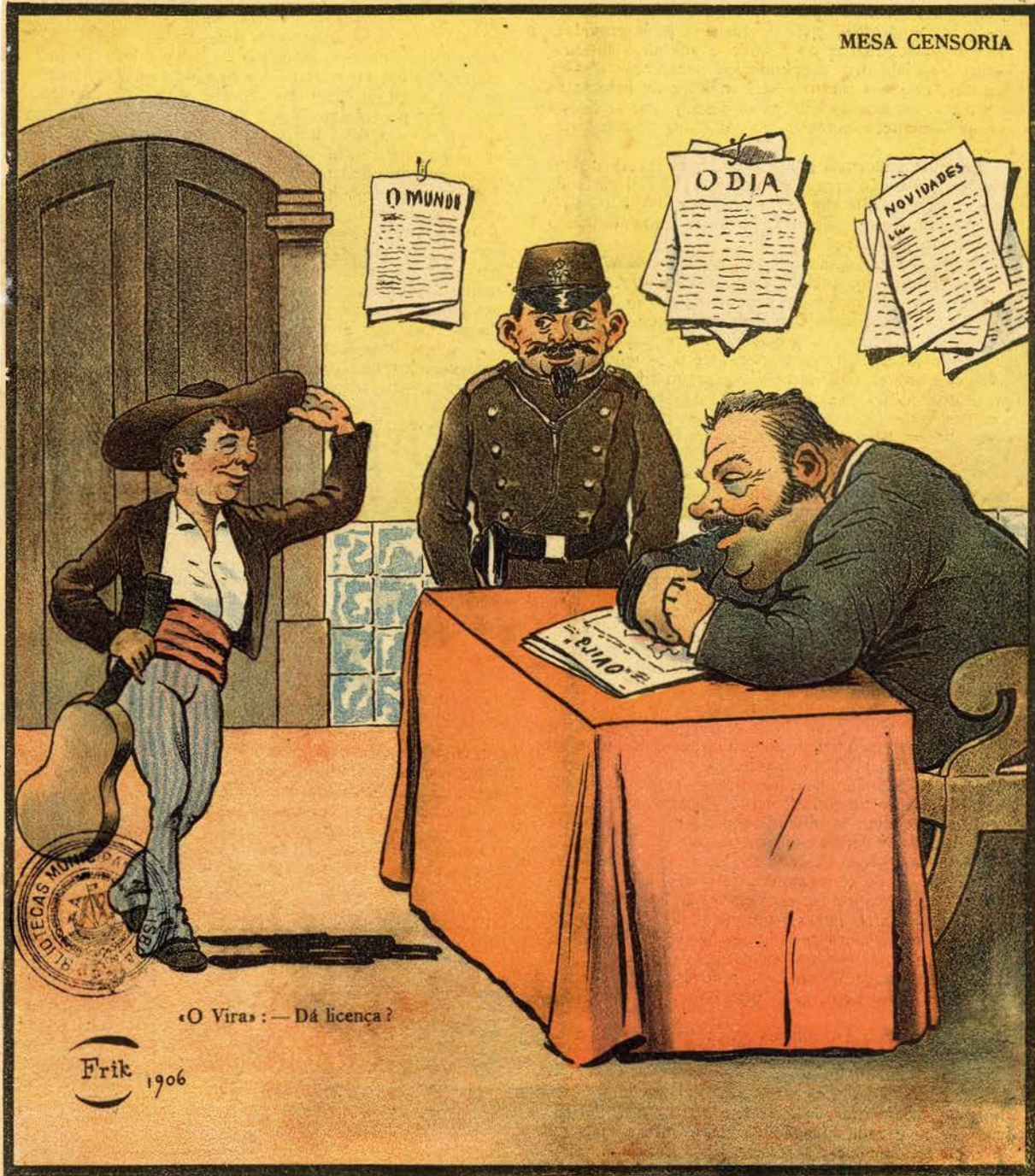
REDACTORES LITTERARIOS

ANNIBAL SOARES e ALBERTO COSTA

# O Vira

JORNAL HUMORISTICO

MESA CENSORIA



«O Vira»: — Dá licença?

Frik 1906

## CHRONICA

Alguns politicos, sociologos, philosophos, romancistas, oradores, jornalistas, pamphletarios, historiadores, poetas e outros seres mais ou menos pensantes, baseados n'um estreito criterio igualitario e fazendo taboa rasa das aspirações, das preferencias e da feição do genio nacional, teem-se comprazido, nas ultimas decadas, em atormentar os ouvidos do paiz com a caramunha das *difficultades que nos assoberbam*, e em attenuar a nativa alegria d'este povo portuguez com o estendal das publicas miserias, para as quaes se pede providencia e remedio, não já ao Estado e aos altos funcionarios especialmente estipendiados para curar d'essas sarnices, mas aos mesmos seis milhões de habitantes que n'este recanto da Europa só desejam gastar a vida tranquillamente, e cumprir em paz a sua missão historica.

Sem pretendermos pôr em duvida as excellentes intenções d'uma tão errada propaganda, não deixaremos de accentuar quanto ella se torna desagradavel aos espiritos d'élite, aos que sabem ver e amam ainda um pouco o pittoresco das coisas.

Portugal é já bastante monotono, com os seus electricos, com os seus chalets, com os seus *bocks*, os seus *coiffeurs*, os seus *taylors*, os seus serviços *à la carte*. O viajante que uma bella manhã desembarque no Rocio, tome o seu banho e o seu almoço no Bragança, admire os monumentos, visite os museus, dê duas voltas pela Avenida e engrole á noite no Tavares um bife com dois ovos estrellados, terá dos costumes e da vida portugueza uma noção tão clara e definida como se houvesse gasto o seu dia em Bruxellas, na Haya, em Bucarest ou em Vienna d'Austria.

Para que o estrangeiro soffra na verdade a impressão de que se encontra em terra alheia, n'um paiz diferente do seu, dotado d'uma civilisação propria e original, é justamente necessario que elle possa tomar conhecimento do que ainda nos resta de exclusivamente nosso, que são os nossos costumes civicos, as nossas concepções de politica, o nosso modo de ser social.

Então sim, que poderemos offerecer aos olhos do europeu espantado alguma coisa extranha e interessante, o espectáculo infinitamente curioso d'um paiz cujos destinos se cumprem por si mesmo, em que todos as chamadas leis sociologicas se não verificam, em que o povo ri, o poder brinca, os estadistas fazem *blague*, na hora em que lhes não deixam fazer empregados publicos— e que todavia é um reino, possui um exercito, uma armada, serviços publicos, instituições, funcionalismo, representação diplomatica, faz parte do concerto das nações e tem voto na conferencia d'Algeciras!

O pesado allemão, disciplinado e methodico, gosará com bem maior delicia esta perspectiva rara, do que o panorama famoso do Castello dos Mouros ou as bellezas architectonicas do convento dos Jeronymos— e quanto não daria uma *touriste* ingleza pela sensação nova de perceber por algumas horas a um paiz onde coisa alguma corre com a desesperante insipidez da regularidade britannica, e onde as instituições publicas se não mettem á noite entre lençoes, com esta reflexão amanuensa:

—Ora muito bem, ganhou-se hoje o dia honradamente!

Esse prazer, que os alheios procurariam a peso d'oiro, sahe-nos a nós realmente em muito preço?

Todos os chamados desvarios do poder, as imperfeições da contabilidade, os erros d'administração, o automatismo parlamentar, as desordens financeiras, não podem custar a cada cidadão da classe média mais de vinte mil réis annuaes, accrescidos aos impostos retri-

butivos dos reaes serviços que nos presta o Estado. Dir-nos-hão que não se avalia á dinheira a privação do preciosissimo dom da liberdade.

Mas—por Deus!—quando é que nos tempos d'agora occorre aos dirigentes o prostergarem as liberdades publicas, a não ser que o cidadão se recuse a dar ao Estado tudo o que o Estado lhe pede? Outr'ora, quando as relações do governo com o individuo eram as do senhor com o escravo, fazia-se tyrannia pela tyrannia; e ainda quando o povo estava mudo, o poder não deixava de ser despotico, por se entender que assim convinha á manutenção da boa-ordem, ao prestigio do Estado, ao florescimento e prosperidade da nação. Hoje tudo mudou, o principio da auctoridade perdeu muito da sua terrivel rigidez antiga, e o poder não exerce mais o arbitrio por um conceito de direito publico, senão por uma comessinha e evitavel questão d'alguns vintens. O Estado é um mendigo de romaria. Se não nos esportulamos, affronta-nos; se lhe pagamos, deixamos gosar tranquillamente a nossa festa.

Será uma obra honesta e sã, o destruir por tão pouco a paz d'animo e a serenidade da alma d'este rude e simples povo descuidoso? Funesta orientação é essa, que se não tem conseguido annullar, ao menos tem pervertido a inclinação festeira e a indole espontaneamente foliona da portugueza gente! Quem poderá já mais medir as tremendas responsabilidades historicas do sr. Pinto dos Santos ou do Conselheiro Cerqueira?

Antigamente o povo entretinha-se em diversões razoaveis, naturais, o arraial, a procissão d'aldeia, o chinquillo, o peixe frito das hortas, a piela bem-humorada e pacata... Agora, o que lhe deixam os declamadores, os agoiteiros, os porta-estandartes do *governo do povo pelo povo*? Coisas absurdas e inestheticas que elle não sabe gosar, os comicios, as eleições, as sessões do parlamento, e mesmo assim em taes termos, com tão importuna insistencia acerca dos males da patria, do descabro politico, da ruina imminente, das fronteiras sem defeza, da administração estrangeira, que o pobre sente-se no meio d'esses espectaculos tão enleado e constrangido, como filho de pastor a quem dêsem uma *raquette* para brincar, dentro d'uma casa onde houvesse gente morta.

Pois bem: este semanario pretende ser o primeiro signal d'uma efficaz reacção contra essa corrente nefasta. Nós não vimos pôr a nossa penna e o nosso lapis ao serviço do que vulgarmente por ahí se chama uma causa justa e nobre; nós não aguiremos a encantadora jovialidade dos nossos compatriotas com a cantilena revelha das desgraças collectivas. Vimos saltar e folgar com a bella sociedade, restituir ao povo o riso bom, o riso ingenuo e feliz dos tempos que passaram, juntar aqui em monte os Poderes do Estado, as Ciências, as Lettras, as Artes, a Burguezia, a Politica, a Tropa, a Clerezia, o Commercio, a Industria, fazer roda, empunhar a banza, e gritar á assembleia das forças vivas da nação:

—Rapazes, vamos ao vira!...



UM ESPECIALISTA

E' na cidade de Lisboa, e no centro da populosa Baixa. E na rua do Arsenal, e no seu n.º 24 E' lá, nas varandas sujas do 1.º andar, que *ella* se exhibe galhardamente, provocadora no seu fundo escarlate, insinuante, graciosamente convidativa nas suas letras finas, bem lançadas, rebrilhan-tes de prata e oiro.

E' alli perto, n'aquella movimentada arteria que *ella* se offerece ao olhar estarecido do transeunte, refulgindo á luz do sol, destacando-se ainda na treva, annunciando sempre, impondo-se, apregoando maravilhas, prodigios, milagres!

— *Ella*, leitor querido, oh! — *ella*, é a taboleta do *Especialista!* — aquella taboleta luxuosa, inédita, sensacio-nal — pois não sabes?



ADVOGADO

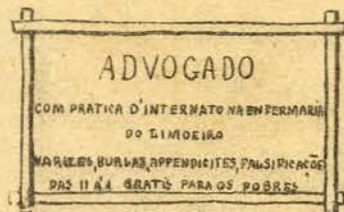
Especialista de direito commercial  
ANTONIO JOSÉ PEREIRA DA SILVA

Grande Antonio José, phenome-nal Pereira, fantastico Silva!

Devemos notar que ha muito se conhecem especialistas de qualquer ramo de direito: commercial, criminal, civil, e dentro do proprio direito civil ainda as especialidades se res-tringem, e proficientemente, a de-terminados assumptos, taes como, aguas, heranças, testamentos, etc. Entretanto, jámais o triste bacharel que de Coimbra surgia, com uma sacca de codigos, as *Cartas* n'um canudo e o vacuo na cabeça, se revesti- abusivamente de enfeites e ata- vios, consagrados pelo uso, que faz lei, como legitima propriedade das parceiros de primeira classe e dos discipulos do Dr. Doyen, regressados á patria. O novel caudisico alugava um modesto cubiculo de 1.º andar, lá se introduzia com quatro cadeiras e uma mesa de pinho, e, quando muito, dependurava na humbreira da porta uma estreita placa de metal, indicando o seu nome e profissão.



Ha alguns mezes manifestaram-se, com geral espanto, dois casos isola- dos de infecção reclamista, um na rua da Assumpção, outro n'uma es- quina da rua Augusta. Suppoz-se, porém, o mal debellado, quando ago- ra nos surge o extraordinário *especial- ista* da rua do Arsenal; de forma que e, a exemplo d'este divertidissimo ratão, decerto não tardaremos em lêr, pelas ruas da Baixa, os seguintes dize- res, em letras esmaltadas:



Advogado sem clientella pôde an- nunciarse d'esta maneira:



«Meus senhores! É aproveitar a minha curta permanencia n'esta for- mosa cidade! Este pequeno frasco, contendo uma maravilhosa especiali- dade de direito commercial, custa apenas setenta réis! Tira callos, destróe as formigas, traz alegria, dá a felicidade adivinha o bom tempo, e resolve todas as questões de direi- to commercial. E' aproveitar, senho- res! N'estas elegantes caixinhas, que vendo a 20 réis, secontem tambem finas especialidades de direito mari- timo, fallencias fraudulentas, letras falsificadas, etc., etc. Senhores, é a felicidade nas vossas casas!»



DECLARAÇÃO D'AMOR

(CARTA DE ENCOMENDA)

Minha Senhora:

SE ACASO

V. Ex.ª me permite  
Que o meu coração lhe dite  
O amor, em que me abraço...  
Ou se um dia me der aso  
A que lhe falle e a fite,  
Talvez que por mim palpite  
E que de mim faça caso!

A primeira vez, senhora  
Que eu a vi, esse momento  
Deu-me a impressão que fóra  
Sol em dia nevoento!  
Inda o coração me diz  
Que nunca, na minha vida,  
Tive hora mais distrahida,  
Um instante mais feliz!

E apesar d'esta figura  
D'homem robusto da Serra,  
Emmagreci á procura  
De encontrar cá na cidade,  
De encontrar cá n'esta terra,  
A minha felicidade!

Mas, hoje, posso dizer,  
— Agora, desde que a vi! —  
Que ou hei-de amal-a, ou morrer!  
Tudo depende de si!...

Só V. Ex.ª é o espelho  
D'este amor... (que outro não ha!)

José Affonso Coelho  
de Vasconcellos e Sá.

JO-DEL.



O ENSAIO DA «MARSELHESA»

Paródia ao celebre quadro do Museu do Louvre



## O "CAFÉ MARTINHO."

Ha alguns mezes que entramos quotidianamente no *Martinho*, e quotidianamente recebemos a impressão de penetrar n'uma repartição do Estado. Affigura-se-nos mesmo que toda aquella gente alli está, cada noite, a uma hora certa, por conta do proprio Estado, e por mercê, unicamente, da vigilancia paternal do Poder pelo bem do cidadão.

O *Martinho* é, na apparencia, uma sala publica onde *todo-mundo* pôde entrar, tomar logar a uma mesa, pedir um *café*, um *grog*, uma *salsa*, que deve naturalmente pagar-se; logar accessivel a todos para encontro de um amigo, umas horas de palestra, de distracção e passatempo.



Imaginemos em demanda da capital um bom provinciano, decerto movido á peregrinação pelos altos interesses politicos de Bouças ou Benespera. Assim, o nosso homem caminhará ás duas da tarde para a Arcada; sóbe ao *seu* ministerio, procura o *seu politico*.

Começa a esperar, espera longo tempo. Entretanto, põe-se em passeio por aquelles corredores, senta-se n'um banco duro que para alli está, a um canto, começa lentamente a sua marcha. até que, maldizendo a ingrata indiferença dos homens, é conduzido ao gabinete do *politico*.

A noite, conforme o combinado, elle lá vae ao *Martinho*, e, *au premier coup d'oeil*, o *Martinho* fornecer-lhe á simplesmente o aspecto normal de *Café*, no exercicio regular e incessante da sua funcção. Mas breve seus olhos pavidos entram de notar aquella arcaria desconforme, as vastas mezas d'um marmore triste e sujo, irremoviveis e inamoviveis como os juizes de direito, os espelhos de casa de hospedes, os enormes cadeirões estofados a crina, todo aquelle mobiliario archaico, pesado, excessivamente solido.



E pouco a pouco a pouco principiará este homem a soffrer uma extranha sensação de hostilidade, de dureza, que tanto pôde provir-lhe do ar desconfortavel do *Café*, como do basalto cerebral dos politicos que o frequentam.

Chegam-lhe aos ouvidos vozes e phrases confusas que percebe, aqui e além, soltas do ruido das conversas: o *despacho já foi lavrado*; na *contabilidade está tudo n'um cahos*; *atropellos á lei*, *promoções*, *corrupção*, *tabacos*, *talentos*, *ministros*, *crise*, etc., etc.

E então, evocando as suas recordações mais proximas, circunvagando o olhar pela trepega clientela, verificado, positivamente, aquelle cheiro á boquiilha, de chefe de repartição, o nosso provinciano exclamará com firmeza:

—Que diabo! Eu já aqui estive! Ia jurar que já vi isto...

E viu—oh! se viu—n'esse mesmo dia, ás duas da tarde, na Arcada, no *seu* ministerio; horas antes viu e sentiu *aquillo*, sob uma fôrma diversa, sim, mas fundamentalmente o mesmo quadro: a mesma abobada pombalina, o mesmo ar conventual, o mesmo aspecto sombrio e sórna, o mesmo cheiro a boquiilha, as mesmas sobrecasacas, as mesmas physionomias inexpressivas.

O *Martinho* é, na realidade, o *Café* dos politicos, a sala commum da burocracia. A clientela do *Martinho* são da repartição para o jantar, que vem, seguidamente, digerir ao *Martinho*. Entra a uma hora certa, sae pontualmente no momento que se estabeleceu, para no dia seguinte fazer o mesmo trajecto, á mesma hora, sem um desvio, sem uma pausa, no passo ronceiro, na regularidade inalteravel do camêlo.

Um conhecido de ha pouco, despedindo-se, perguntaria a um *homem do Martinho*:

—Então amanhã, aonde?

E a resposta não pôde ser outra:

—De dia na repartição. A' noite, no *Martinho*.

Sou certo.

Mas estes dedicados servos do Estado não procuram o *Café* pelas razões que levam ao *Café*, habitualmente mesmo, qualquer outra pessoa. O burocrata e o politico não vão ao *Martinho* para beber, conversar, consummir distrahida e livremente umas horas; e a nós não nos resta duvida de que elles estão alli em serviço, *fazendo politica*, desempenhando-se d'um encargo, cumprindo, á noite, sagrados deveres para com o Estado-pae e amigo, como de dia escreveram officios na repartição.

Como estimulo, tomam a sua *chicara de café*, café mau, falsificado com o regimen que elles servem, excitante que o Estado lhes fornece airosamente facultadamente a paga, e podem mesmo, sem abuso, requerer um bife á portugueza, rigido e antiquado como os principios de 1830. Cada um d'esses respeitaveis cavalheiros tem, como na sala do ministerio, uma mesa certa — a sua mesa.

Dá-se o caso de entrar alguém, inquirindo do creado mais proximo:

—O sr. conselheiro X tem estado cá hoje?

O serviçal lançará rapidamente a vista sobre uma determinada mesa — a mesa do sr. conselheiro X, e responderá sem hesitar:

—Sahiu ha pouco, mas não pôde demorar-se.



Nada conhecemos das origens e da historia d'este bo-  
tequim; temos, porem, a convicção de que aquella sala é  
propriedade exclusiva do Estado, uma dependencia do  
ministerio do Reino, para regalia dos seus fieis servidores,  
e que o velho Martinho alli occupa ha largos annos um  
logar de confiança dos governos e das instituições, direc-  
tor geral como o sr. Arthur Fevereiro. Quem não  
possuir essa qualidade, quem não tiver uma escrevini-  
nha na Arcadã e o seu quinhão no orçamento, deve con-  
siderar-se um intruso no *Martinho*; expõe-se a ser  
corrido d'aquella casa pela bengala dos politicos; a sua  
assistencia torna-se irritante e impertinente, visto que,  
repellido das preocupações do seu espirito a questão  
das pautas e dos cereaes, falla com enthusiasmo e amor  
das pernas finas d'uma mulher, d'um novo livro que acaba  
de lêr-se, d'um quadro de *Détaille*, d'um conto de Ana-  
tole France, d'um estenderete do actor Maia, de coi-  
sas emfim, que ao politico não interessam, com que o  
burocrata nada tem.

Cada dia, transpondo a porta do *Martinho*, nos  
suppomos entrados na secretaria dos Proprios Naciona-  
es; e não é sem commoção que, sentados a uma mesa,  
com o café constitucional em frente, lançamos mão  
d'uma penna, laboriosamente extrahida d'aquella prehis-  
torica caixa de madeira, d'uma d'essas pennas que tan-  
tas e tantas vezes tem lançado ao papel, com destino  
á provincia, este grito fecundo de alegrias: «está o meu  
amigo despachado; muitos parabens e a todos os seus»;  
ou esta expressão sêcca, cruel e desoladora: «foi impos-  
sivel satisfazer o seu pedido; eram mil cães a um osso».  
E porque o *Martinho* constitue como se vê, uma per-  
tença do Estado, assim se explica que tudo n'aquelle  
recinto seja antiquado e sem gosto, que a sala não se  
lave, não se alegre, não se civilise, emfim; que até o  
papel, de que ha mezes se cobriram as paredes, no dia  
seguinte nos pareça velho e sujo, que a propria electri-  
cidade, alli dentro, gere uma luz pallida, amarellada,  
triste, de chama de petroleo. O *Martinho* é, com effei-  
to, uma obra do regimem, e o regimem é ferozmente  
estacionario e retrogrado.

Mas se um dia o *Martinho* se põe mais uma vez em  
obras, e n'uma manhã, ao sahirmos *para a vida*, se  
nos deparam aquellas mesas tumulares reduzidas a  
um terço, com um marmore branco e macio, as pare-  
des aguarreladas de tintas vivas e frescas, aquelles pa-  
vorosos estofos reconduzidos ás salas d'espera de San-  
ta Apollonia, á porta um *chasseur* apumado e cortez, e  
lá dentro uma fila de creados, elegantes, correctos no  
seu *smoking* bem talhado, desenhando, na face rapada  
um sorriso affavel e digno, á nossa ordem, decidida-  
mente o regimem liquidou.

E o *Martinho* annuncia a Republica como as ando-  
rinhas a primavera.

FREI JOSÉ.

«CORREIO DE MINERVA»

O *Vira* tem pessoal da casa para, no limite dos seus modestos  
recursos, satisfazer as publicas exigencias e geraes anhelos, em mat-  
ria de prosa e verso, e *bonecos* de côres diversas. Os seus *markado-  
res*, porém, em affectuosa homenagem a ess'outro *vira* da Arregaça,  
batido e repenicado nas noitadas de S. João, saudosos do seu tempo  
de Coimbra, a ponto de quasi chorarem hoje por uma sebenta do Dr.  
Dias, abrem as portas do seu tugurio á briosa mocidade coimbrã, con-  
vidando-a a trazer para a *roda* da dança tudo o que a aza derreada  
da Minerva carinhosamente protege: lentes, estudantes e futricas,  
desde os esporins do Dr. Callixto até aos *dominós* do lusitano.

Esperamos que o «Correio de Minerva» todas as semanas nos  
traga noticias frescas e palpitantes, a sêcco ou com molho de illustra-  
ções.

Declarada a conveniente discreção e rigoroso segredo, haja gra-  
ça, rapazes, e... vamos ao *Vira*!



A mocidade catholica de Paris pub-  
licou ha dias um manifesto, que as-  
sim começa: — «Cidadãos: perguntam  
porque protestamos. Porque estamos  
fartos».

Outros protestam porque rebentam  
de fome. Vão lá entender o mundo!



Publicou-se o *Portugal*, do sr. Es-  
pirito Santo Lima. O poeta João Lu-  
cio fez o *Algarve*; e para breve se  
annuncia já o *Aquem e além-mar em  
Africa*, do sr. Henrique de Vascon-  
cellos.



Segundo a solicita informação do  
seu órgão, o nobre presidente do con-  
selho está sendo diariamente felicita-  
do pelos centros progressistas da pro-  
vincia. Ergueu tambem a sua voz,  
n'um clamoroso brado de applauso e  
sympathia, a laboriosa população de  
Altér.

Esta confraternisação das raças é  
profundamente enternecedora.



Expediente

A quem pretender a assignatura  
d'O *Vira*, basta enviar a importancia  
respectiva á sede da administração,  
na Travessa da Gloria, 22-A.

«O Vira»

ADELINA ABRANCHES



O grande "Avarento.,  
prodigo... de genio